

Lonjuras

—

Isaura Pena



Lonjuras

—

Isaura Pena

—

Círculo Sede

27 mai – 22 jul

2017

Uma geografia do inanimado

*We make history in both temporal directions, past and present.
What we do, or not do, creates the present. What we know, or do not
know constructs the past.
Susan Buck-Morss*

A obra de Isaura Pena desvela-se com o auxílio (mas também relapso) da uniformização e conformismo dos suportes. A função estética (esse entre-espaço infinitesimal entre o belo e o feio, a harmonia e o desassossego, o protótipo e o estereótipo) é desarticulada na sua relação monopolista com o singular (o único, o raro, o irrepetível, o irreversível: as condições únicas que fazem o vulgar tornar-se precioso e o precioso banal), mas também com o múltiplo (com as inúmeras vezes com que Isaura ensaia copiosamente o mesmo gesto, a mesma pincelada, a mesma sobreposição), e essa desarticulação serve para que a forma não seja apenas a ativação da matéria (a promessa de uma depuração da arte, de uma «sabedoria» da arte), mas aquilo que ela não consegue compreender em si mesma (isto é, que a arte frequente e seja a sua própria negação). A relação que Agamben estabelece entre a subjetividade contemporânea e o tempo, em simultâneo adesiva e descolante, «uma dissociação e um anacronismo», encontro-a no prolongamento espacial do desenho de Isaura (e do desenho dos outros de que se apropria poeticamente), mas também nas suas operações instalativas, onde estruturas utilitárias (mesas, soalhos, cadeiras, caixas de cartão prensado) são exiladas do seu destino e vivem a tensão e a fadiga do incompreensível, do hermético, ao mesmo tempo que sobrevivem ao tédio da sua inutilidade.

As situações plástico-performativas (em que o desenho, pela sua dimensão, pelas suas marcações e sequências tonais, participa na apropriação do espaço tectónico e do claro-escuro do CAPC Sede) enunciam outro tipo de vitalidade para o espaço do suporte em papel (ele não é um recipiente ou uma parcela, não é inclusão; não há dialética entre figura e fundo — se acidentalmente isso acontecer, deve ser ignorado, pois os desenhos de Isaura não procuram ser uma coleção de efeitos). O suporte (centenas de folhas A3 ou enormes folhas de papel) cava na sua acumulação, na sua densidade, um espaço outro, fictício mas também intersticial e quotidiano, onde a numeração, o ritmo, a sequência, a multiplicação repousam sob a forma de mancha, de gesto, de marcação.

Um dos aspetos contraditórios (e inventivos) desta prática é que a lucidez criativa de Isaura Pena, a duração pictórica e sensorial dessa lucidez, é um hóspede imprevisto da cultura material fabricada pela

padronização da necessidade (de fazer, de resolver, de utilizar) e do desejo (de se ser além da finitude, da caducidade do Eu-sempré-eu). Isaura trabalha com formatos, desmonta-os, cola-os, associa-os, estabelece interrupções nas suas lógicas internas e na cristalização gráfico-expressiva dos seus conteúdos.

É uma subjetividade difícil, a sua, porque lacónica (não observamos nem a retórica nem os desvios teatrais de uma perícia narcísica) e mais próxima do impasse da tragédia (o problema não tem solução) do que da agonia (artificial) do drama (entregue a um final feliz — entregue à deriva ornamental, ao perigo da irrelevância da obra/operação).

A obra que Isaura desenvolve no espaço construído, calibra-se então entre a meta-imagem (o regresso ontológico à gramática — aos signos abstratos — da representação, não para o exercício diferido da ausência, do fantasmático, mas para falar da sua forma negativa) e a hiperimagem (a imagem político-coloquial quase maníaco-depressiva do *less is more*, da serialização, da sucessão e da analogia). Ao observar o trabalho de Isaura, em particular as suas acumulações tonais remissivas, quase pautas de uma música sem intérpretes, interrogo-me se o desenho é um estado de alma irremediavelmente perdido, o momento de uma mortalidade: o da experiência de uma força dividida entre «a posse do mundo» (a representação de que o antropocentrismo e o antropomorfismo são elementos fundadores) e a imersão no mundo (em que a nomeação — os demasiados nomes das coisas do mundo — e a desorientação — a alienação do espaço não só pelo tempo mas pelas subjetividades que o habitam — apenas acentuam a desorganização da experiência). Quando falamos do desenho, falamos de um pensamento das imagens que não consegue chegar até nós? Falamos de uma vizinhança inane entre «a mão do macaco» (mão domesticada, refinada, mas sempre pulsional e orgânica, brutal mesmo na suavidade e determinação do seu propósito) e a reflexividade do olho que nos faz (enquanto consciência) tocar, mesmo que glauco, vazio, nado-morto, a pele do mundo?

Pedro Pousada





Há indício, 2017

Guache e tinta da china sobre parede, 200 × 220 cm
projeção e luz, 60 × 80 cm



Porta, 2016
Desenhos não reclamados de estudantes de
arquitetura e cola, 228×168 cm





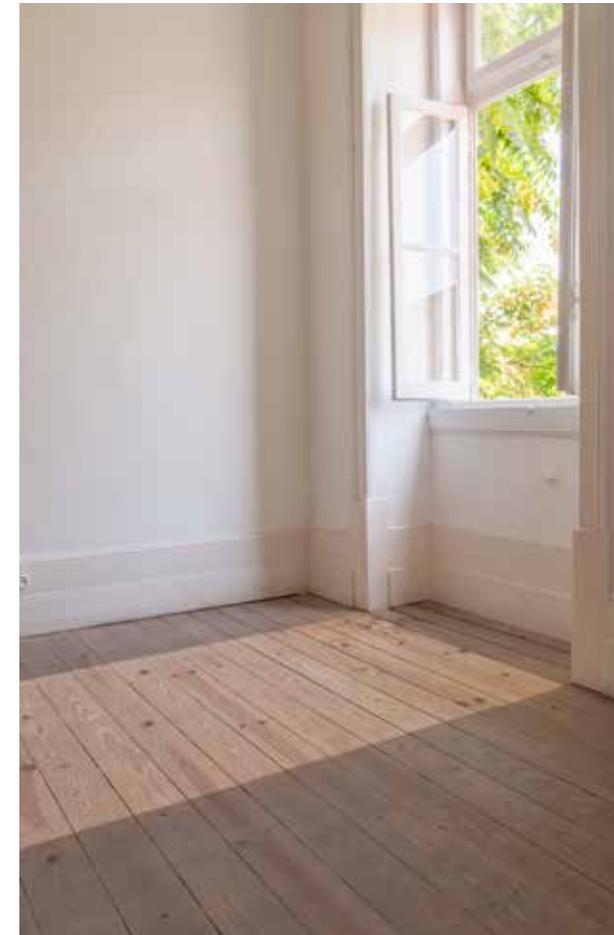






Partituras I, II, III, 2017
Tinta da china sobre desenhos não reclamados de estudantes
de arquitetura e chapa de zinco, 33 × 30 cm







Vasto, 2017
Tinta da china sobre papel.
150 × 320 cm









Pouso, 2017
8 desenhos
Tinta da china sobre papel.
50×65 cm (cada desenho)

Lonjuras
Isaura Pena
Círculo Sede
27 mai - 22 jul

Produção
Círculo de Artes Plásticas de Coimbra
Pedro Sá Valentim

Assistência à Produção
Jorge das Neves
Ivone Cláudia

Montagem
Jorge das Neves

Texto
Pedro Pousada

Revisão de texto
Carina Correia

Fotografia
Jorge das Neves

Design Gráfico
Joana Monteiro

Apoios Institucionais



Isaura Pena é bolsreira CAPES,
BEX: 99999.001177 / 2015-00



Catálogo
Lonjuras
Isaura Pena

Coordenação Editorial
Pedro Sá Valentim

Texto
Pedro Pousada

Revisão de Texto
Carina Correia

Fotografia
Jorge das Neves

Design Gráfico
Joana Monteiro
Sérgio Rebelo

Direção de Arte
João Bicker

Tipografia
Outsiders, desenhada em 2010
por Henrik Kubel, a2-type

Impressão
Noozle

ISBN:
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Depósito Legal:
XXXXXXXXXXXXXXXXXXZ

Este catálogo foi impresso em Coimbra,
em **julho** de 2017.

*Círculo de Artes Plásticas
de Coimbra*

Direção

Carlos Antunes
Désirée Pedro
Valdemar Santos
António Melo
Ana Felino

Assembleia Geral

Armando Azevedo
Joana Monteiro
Ivone Cláudia Antunes

Conselho Artístico

António Olaio
Jorge das Neves

Direção de Arte

João Bicker

Secretariado

Ivone Cláudia Antunes

Arquivo e Biblioteca

Cláudia Paiva

Projeto Educativo

Jorge das Neves
Pedro Sá Valentim
Valdemar Santos

Círculo Sede

Rua Castro Matoso, n 18, 3000 – 104
Coimbra

Círculo Sereia

Casa Municipal da Cultura, Piso -1
Parque de Santa Cruz, Jardim da Sereia,
3001 – 401 Coimbra

Horário de Funcionamento

ter-sáb, 14-18h
T.: 910 787 255

geral@capc.com.pt
capc.com.pt
anozero@capc.com.pt
anozero-bienaldecoimbra.pt



**Círculo de
Artes Plásticas
de Coimbra**

Todos os direitos reservados.

Este catálogo não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer forma ou quaisquer meios eletrónicos, mecânicos ou outros, incluindo fotocópia, gravação magnética ou qualquer processo de armazenamento ou sistema de recuperação de informação, sem prévia autorização escrita dos editores e dos artistas



Círculo de
Artes Plásticas
de Coimbra